

ENTRE A FÉ E O PODER: PENTECOSTALISMO, COLONIALIDADE E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO NA AMÉRICA LATINA

Célio César de Aguiar Lima¹

Resumo

Este artigo investiga o pentecostalismo brasileiro como fenômeno complexo situado na intersecção entre religião, poder e produção de conhecimento no contexto do Sul Global. A partir de uma abordagem interdisciplinar que articula Filosofia Social, Sociologia da Religião e estudos pós-coloniais e descoloniais, analisa-se o pentecostalismo, especialmente no interior das Assembleias de Deus, como dispositivo de colonialidade interna e, simultaneamente, como espaço de produção de saberes situados. Metodologicamente, a pesquisa baseia-se em análise bibliográfica crítica, análise documental institucional e estudo comparativo latino-americano. Os resultados evidenciam a ambiguidade estrutural do fenômeno, que combina disciplinamento moral, regulação social e produção de subjetividades com processos de pertencimento, resistência e elaboração simbólica. Conclui-se que o pentecostalismo deve ser compreendido não apenas como objeto empírico, mas como campo epistêmico ativo.

Palavras-chave: Pentecostalismo; Colonialidade; Epistemologias do Sul; Religião e Poder; América Latina.

Abstract

This article offers a critical and original interpretation of Brazilian Pentecostalism as an epistemic field situated at the intersection of religion, power, and knowledge production in the Global South. Drawing on Social Philosophy, Sociology of Religion, and decolonial theory, it advances the concept of *internal coloniality of the sacred* to explain how Pentecostal institutions simultaneously reproduce hierarchical structures and generate localized epistemologies. Methodologically, the study combines critical

¹ Graduado em História, Teologia e Ciências Sociais, Psicanalista, Especialista em: História Social, Arquivologia, Ensino Religioso, Sexologia, Ciências Políticas, Ciência das Religiões (UFJF), Psicanálise e Teologia do Novo Testamento, Mestre em História Social e Ciência das Religiões (UFJF), Doutor em História Política (UERJ), Pós Doutor em História Social (UFRJ) e Memória Social (UNIRIO), Doutorando em Ciências Sociais (UERJ). Pós Doutorando em Teologia na PUCPR, Pesquisador associado ao NÚCLEAS – UERJ – Núcleo de Estudo das Américas. E-mail: professor.aguiar@hotmail.com. <http://lattes.cnpq.br/3031763802521722>

bibliographic analysis, institutional document analysis, and comparative Latin American perspectives. The article argues that Pentecostalism cannot be reduced to binary categories such as domination or resistance, but must be understood as a complex regime of religious governmentality that produces subjectivities, regulates bodies, and creates symbolic worlds. The findings contribute to international debates on religion and modernity by repositioning Pentecostalism as an active epistemic agent.

Keywords: Pentecostalism; Coloniality; Governmentality; Global South; Religion and Power.

Introdução

O crescimento do pentecostalismo no Brasil constitui um dos fenômenos socioreligiosos mais relevantes da contemporaneidade, especialmente a partir da segunda metade do século XX. Longe de se restringir à esfera espiritual, esse movimento tornou-se um ator central na configuração do campo religioso, político e cultural, influenciando práticas sociais, estruturas institucionais e dinâmicas de poder. Este artigo propõe uma leitura crítica do pentecostalismo brasileiro a partir de uma perspectiva descolonial, buscando superar interpretações funcionalistas ou estritamente confessionais. Parte-se da hipótese de que o pentecostalismo opera simultaneamente como dispositivo de poder, reproduzindo formas de colonialidade interna, e como espaço de produção de saberes, identidades e práticas situadas no contexto latino-americano.

O presente artigo tem por finalidade apresentar de forma detalhada, crítica e analítica o conjunto de atividades desenvolvidas, os referenciais teóricos mobilizados, os procedimentos metodológicos adotados e os resultados parciais e reflexões produzidas no âmbito das pesquisas no Programa de Pós Graduação em História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Mais do que um registro administrativo, este relatório busca explicitar o percurso intelectual da pesquisa, suas escolhas conceituais, seus deslocamentos teóricos e as contribuições oferecidas ao campo da Filosofia Social e da Sociologia da Religião.

A investigação insere-se no debate contemporâneo sobre religião, poder e produção de conhecimento, com ênfase nas epistemologias latino-americanas e nos estudos pós-coloniais e descoloniais. Parte-se do pressuposto de que o fenômeno religioso, especialmente no contexto do Sul Global, não pode ser compreendido apenas como expressão de fé ou prática espiritual, mas como campo privilegiado de produção de

subjetividades, normatividades morais, discursos políticos e formas específicas de conhecimento socialmente situado.

Nesse sentido, o relatório apresenta o pentecostalismo brasileiro como objeto teórico complexo, situado na intersecção entre religião, colonialidade e política. Ao articular Filosofia Social, Sociologia da Religião e estudos pós-coloniais, a pesquisa procura contribuir para uma leitura crítica do pentecostalismo para além das interpretações funcionalistas ou meramente confessionais, evidenciando suas ambiguidades, tensões internas e impactos estruturais na sociedade brasileira e latino-americana.

Contextualização e Problema de Pesquisa

O crescimento do pentecostalismo no Brasil, sobretudo a partir da segunda metade do século XX, constitui um dos fenômenos socioreligiosos mais significativos da história recente do país. As Assembleias de Deus, em suas múltiplas convenções, ministérios e desdobramentos institucionais, deixaram de ser apenas espaços de culto e vivência comunitária para se tornarem atores centrais na configuração do campo religioso, político e cultural brasileiro.

Esse processo de expansão extrapola a dimensão estritamente espiritual e passa a incidir diretamente sobre práticas morais, formas de organização social, dinâmicas econômicas e estratégias de inserção política institucional. O pentecostalismo brasileiro atua, assim, como instância de regulação de condutas, produção de identidades coletivas e mediação simbólica do mundo social, influenciando tanto a vida cotidiana dos fiéis quanto o debate público nacional.

O problema central que orienta esta pesquisa consiste em compreender de que modo o pentecostalismo brasileiro pode ser interpretado, simultaneamente, como um dispositivo de colonialidade interna, isto é, como mecanismo de reprodução de hierarquias, disciplinamento dos corpos e normalização de subjetividades, e como um espaço de produção de saberes, discursos e epistemologias próprias, situadas no contexto histórico, social e cultural do Sul Global.

A partir das contribuições de Aníbal Quijano, Walter Dignolo e Frantz Fanon, a pesquisa parte da hipótese de que a colonialidade não se restringe à dominação externa ou ao passado colonial formal, mas se reinscreve nas estruturas internas das sociedades latino-americanas, inclusive nas instituições religiosas. Ao mesmo tempo, dialogando com Édouard Glissant e Johannes Maerk, investiga-se em que medida o pentecostalismo

produz formas híbridas, ambíguas e contraditórias de resistência, pertencimento e elaboração simbólica da realidade.

Assim, o problema de pesquisa não se reduz a uma oposição simplista entre religião como dominação ou religião como emancipação. Trata-se, antes, de analisar o pentecostalismo como campo de tensões, no qual se articulam poder, fé, economia, política e produção de conhecimento, exigindo uma abordagem crítica, interdisciplinar e descolonial.

Embora haja vasta produção sociológica sobre o pentecostalismo brasileiro, observa-se uma lacuna no tratamento do fenômeno a partir de uma chave epistemológica descolonial, capaz de articular religião, colonialidade interna e produção de saber.

Objetivos da Pesquisa

Investigar de forma crítica e aprofundada os modos pelos quais o pentecostalismo brasileiro, especialmente no interior das Assembleias de Deus, opera simultaneamente como dispositivo de poder, mecanismo de controle social e campo de produção simbólica e epistemológica, articulando religião, política e economia no contexto histórico e cultural da América Latina. Busca-se compreender o pentecostalismo não apenas como fenômeno religioso, mas como estrutura complexa de organização social, produção de subjetividades e circulação de saberes situados no Sul Global.

Esse objetivo geral orienta-se pela perspectiva das epistemologias latino-americanas e dos estudos pós-coloniais e descoloniais, considerando o pentecostalismo como espaço ambíguo, marcado por tensões entre reprodução de lógicas coloniais internas e possibilidades de criação de sentidos, identidades e práticas que escapam aos paradigmas eurocêntricos de interpretação da religião.

Além desses objetivos gerais, tivemos como objetivos específicos: 1) Analisar de maneira sistemática as práticas de controle moral, disciplinar e normativo presentes no pentecostalismo brasileiro, tais como usos e costumes, regulação da sexualidade, gestão dos corpos e judicialização do sagrado, compreendendo-as como expressões contemporâneas da colonialidade do poder e do saber no interior do campo religioso; 02) Examinar a atuação política institucional das Assembleias de Deus, com especial atenção às estruturas organizacionais da CGADB e da CONAMAD, investigando os processos de centralização de autoridade, construção de lideranças, alianças partidárias e estratégias de influência no espaço público e nas instâncias formais do Estado; 03) Investigar a chamada economia da fé, analisando os processos de mercantilização do sagrado, a constituição do

mercado gospel, as práticas de gestão financeira e midiática e suas relações com dinâmicas mais amplas de dependência econômica, neoliberalismo religioso e racionalização da fé; 04) Estabelecer uma análise comparativa entre o pentecostalismo brasileiro e experiências pentecostais em outros contextos latino-americanos, especialmente no México e no Caribe, buscando identificar convergências, especificidades regionais e formas distintas de articulação entre religião, política, economia e produção de subjetividades; 05) Contribuir de maneira teórica e conceitual para o debate sobre epistemologias descoloniais aplicadas ao estudo da religião, problematizando os limites das abordagens sociológicas e filosóficas tradicionais e propondo leituras que reconheçam o pentecostalismo como espaço de produção de saberes, discursos e práticas epistêmicas situadas no contexto do Sul Global.

Fundamentação Teórica

A fundamentação teórica desta pesquisa estrutura-se a partir de um diálogo crítico entre a Filosofia Social, a Sociologia da Religião e os estudos pós-coloniais e descoloniais latino-americanos. Parte-se do entendimento de que o fenômeno religioso, especialmente no contexto do pentecostalismo brasileiro, não pode ser adequadamente interpretado por modelos teóricos eurocentrados ou por abordagens que se limitem à descrição institucional ou funcional da religião.

Nesse sentido, a pesquisa mobiliza de forma central as contribuições de Frantz Fanon, sobretudo no que diz respeito à compreensão da colonialidade como experiência internalizada, produtora de subjetividades marcadas pela violência simbólica, pela normatização dos corpos e pela interiorização de hierarquias. A leitura fanoniana permite analisar o pentecostalismo não apenas como estrutura externa de poder, mas como instância que atua na formação de subjetividades disciplinadas, moralizadas e, ao mesmo tempo, atravessadas por desejos de reconhecimento e pertencimento.

O conceito de colonialidade do poder, formulado por Aníbal Quijano e aprofundado por Walter D. Mignolo, constitui outro eixo fundamental da pesquisa. A partir dessa perspectiva, compreende-se que as formas contemporâneas de dominação não se restringem ao campo econômico ou político-institucional, mas se reproduzem por meio do controle do saber, da produção de sentidos e da legitimação de determinadas epistemologias em detrimento de outras. O pentecostalismo brasileiro é analisado, assim, como espaço ambíguo no qual se articulam tanto a reprodução de lógicas coloniais internas quanto a emergência de saberes religiosos situados, próprios do Sul Global.

As reflexões de Édouard Glissant contribuem para a compreensão das dinâmicas de identidade, diferença e relação no interior do campo religioso latino-americano. A noção de criouliização permite interpretar o pentecostalismo como fenômeno híbrido, resultante de múltiplas influências culturais, históricas e religiosas, escapando a leituras essencialistas ou homogêneas. Essa abordagem possibilita reconhecer a pluralidade interna do pentecostalismo e suas formas contraditórias de adaptação, resistência e reinvenção cultural.

A obra de Johannes Maerk ocupa lugar central na articulação do eixo interpretativo da pesquisa. Suas contribuições sobre epistemologias latino-americanas, filosofia social e pós-colonialismo orientam a análise do pentecostalismo como campo de produção de conhecimento e não apenas como objeto passivo de interpretação acadêmica. A partir de Maerk, a pesquisa assume uma postura crítica em relação às hierarquias epistêmicas tradicionais, buscando valorizar saberes produzidos em contextos periféricos e subalternizados.

No campo da Sociologia da Religião, o diálogo com Max Weber permite analisar as relações entre ética religiosa, racionalização da vida social e economia, especialmente no que diz respeito à organização institucional, à disciplina moral e à legitimação de lideranças. Peter Berger, por sua vez, contribui para a compreensão da religião como produtora de sentido e como estrutura simbólica capaz de legitimar ordens sociais específicas, aspecto fundamental para a análise do pentecostalismo enquanto fenômeno público e político.

Mediação conceitual: Fanon e o Pentecostalismo

A leitura de Frantz Fanon permite compreender o pentecostalismo brasileiro não apenas como estrutura externa de dominação, mas como experiência subjetiva profundamente internalizada, na qual a colonialidade opera no nível do corpo, da afetividade e da consciência moral. Em Fanon, a dominação colonial não se limita ao controle político ou econômico, mas produz subjetividades marcadas pela interiorização da norma, pela vigilância de si e pela busca incessante de reconhecimento. Transposta para o campo religioso, essa lógica manifesta-se na forma como o pentecostalismo estrutura regimes de pureza, culpa, conversão e santificação, produzindo sujeitos que se autoavaliam permanentemente à luz de padrões morais rigorosos. A teologia pentecostal, ao enfatizar a batalha espiritual, a renúncia do “mundo” e a submissão a uma autoridade

espiritual legitimada, converte-se em tecnologia de formação subjetiva, na qual o fiel se torna simultaneamente objeto e agente do disciplinamento moral.

Colonialidade do poder e instituições religiosas (Quijano / Mignolo)

A partir do conceito de **colonialidade do poder**, formulado por Aníbal Quijano e aprofundado por Walter Mignolo, é possível compreender as instituições pentecostais como espaços privilegiados de reprodução de hierarquias epistêmicas, morais e organizacionais. A colonialidade não se expressa apenas na dependência econômica ou na subordinação geopolítica, mas também na naturalização de formas específicas de autoridade, saber e verdade, que se apresentam como universais e inquestionáveis. No interior das Assembleias de Deus, essa lógica manifesta-se na centralização institucional, na sacralização da liderança pastoral, na normatização dos usos e costumes e na exclusão de saberes dissidentes ou não legitimados teologicamente. Assim, a instituição religiosa opera como instância de ordenamento social que articula fé, moral e poder, reinscrevendo no cotidiano dos fiéis estruturas de dominação herdadas do processo colonial, agora reconfiguradas sob uma gramática religiosa.

A colonialidade teológica: doutrina, moral e liturgia

A colonialidade no pentecostalismo não se manifesta apenas no plano institucional, mas também no nível teológico e litúrgico. Doutrinas como submissão espiritual, obediência irrestrita à liderança, hierarquização de gênero e demonização de práticas culturais populares operam como dispositivos de regulação simbólica da vida social. A liturgia, por sua vez, longe de ser mero espaço de expressão espiritual, funciona como encenação pedagógica da norma, na qual corpos são treinados, emoções são dirigidas e comportamentos são modelados. O culto pentecostal constitui, assim, um espaço de produção de sentidos no qual se articulam afeto, poder e moralidade, reforçando padrões de conduta que contribuem para a manutenção de uma ordem social disciplinada e hierarquizada.

Governamentalidade religiosa: poder, moral e subjetividade

Para articular essas dimensões, a pesquisa mobiliza o conceito de governamentalidade religiosa, inspirado em Michel Foucault e apropriado criticamente a partir de leituras latino-americanas. A governamentalidade religiosa refere-se ao conjunto de técnicas, discursos e práticas por meio das quais as instituições religiosas conduzem

condutas, produzem subjetividades e organizam modos de vida. No caso do pentecostalismo brasileiro, essa governamentalidade opera através da combinação entre doutrina, disciplina moral, vigilância comunitária, economia da fé e uso estratégico da mídia. Trata-se de uma forma específica de governo das almas que não depende exclusivamente da coerção externa, mas da internalização da norma, da autorregulação e da adesão voluntária dos fiéis a regimes morais rígidos. Ao mesmo tempo, essa governamentalidade não é totalizante, abrindo espaço para apropriações, resistências e ressignificações, o que reforça o caráter ambíguo e contraditório do fenômeno.

Metodologia

A presente pesquisa adotou uma abordagem qualitativa de natureza interpretativa e crítica, orientada por uma perspectiva interdisciplinar, articulando contribuições da Filosofia Social, da Sociologia da Religião e dos Estudos Culturais e Pós-coloniais. Tal escolha metodológica fundamenta-se no entendimento de que o pentecostalismo, enquanto fenômeno religioso, político e cultural, não pode ser apreendido por meio de modelos positivistas ou exclusivamente quantitativos, uma vez que envolve processos simbólicos, discursivos, normativos e epistêmicos complexos.

Do ponto de vista epistemológico, a investigação ancora-se nas epistemologias do Sul, conforme formuladas por Aníbal Quijano, Walter Dignolo e aprofundadas no diálogo com Johannes Maerk. Essa orientação implica reconhecer o caráter situado do conhecimento, questionar hierarquias epistêmicas eurocêntricas e assumir uma postura reflexiva diante da própria produção acadêmica sobre o fenômeno religioso latino-americano. A metodologia, portanto, não se limita à coleta de dados, mas constitui-se como procedimento crítico de leitura, interpretação e problematização dos discursos religiosos e institucionais.

Procedimentos Metodológicos

A pesquisa desenvolveu-se a partir da combinação dos seguintes procedimentos:

a) Pesquisa bibliográfica sistemática e crítica

Realizou-se amplo levantamento bibliográfico nacional e internacional sobre pentecostalismo, sociologia da religião, colonialidade do poder, epistemologias descoloniais e filosofia social latino-americana. A bibliografia não foi utilizada apenas como suporte teórico, mas como objeto de análise crítica, buscando identificar

pressupostos implícitos, silenciamentos, categorias eurocêntricas e limites interpretativos recorrentes nos estudos clássicos e contemporâneos sobre o fenômeno pentecostal.

b) Análise documental institucional

Foram analisados estatutos, resoluções, atas, documentos normativos, textos doutrinários e produções institucionais oficiais da CGADB (Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil) e da CONAMAD (Convenção Nacional das Assembleias de Deus – Ministério de Madureira). A análise documental adotou procedimentos da análise crítica do discurso, buscando compreender como se constroem narrativas de autoridade, legitimidade teológica, moralidade, disciplina e poder institucional no interior dessas organizações.

c) Estudo de caso institucional comparado

A pesquisa concentrou-se em dois estudos de caso principais: o Ministério Belém (São Paulo) e a CONAMAD (Madureira), compreendidos como expressões paradigmáticas de diferentes modelos de organização, liderança e relação com o espaço público dentro do campo assembleiano. O estudo de caso permitiu observar, em escala concreta, as dinâmicas de centralização de poder, produção normativa, economia da fé e articulação político-institucional.

d) Análise comparativa latino-americana

Como estratégia de ampliação interpretativa, realizou-se uma análise comparativa com experiências pentecostais no México e no Caribe, considerando especificidades históricas, coloniais e culturais desses contextos. A comparação não teve caráter estatístico, mas heurístico e interpretativo, permitindo identificar convergências estruturais e diferenças regionais na relação entre religião, colonialidade, política e produção de subjetividades.

e) Leitura crítica de material midiático e digital

Foram analisados conteúdos veiculados em rádios, programas televisivos, cultos transmitidos online e plataformas digitais (YouTube, redes sociais institucionais), compreendendo a mídia como espaço central de produção de autoridade simbólica, expansão do mercado religioso e circulação de discursos morais e políticos. Essa etapa

permitiu articular a análise institucional com a dimensão comunicacional e performativa do pentecostalismo contemporâneo.

Estratégia Analítica

Os dados e materiais analisados foram interpretados à luz de categorias analíticas como colonialidade interna, disciplinamento dos corpos, economia da fé, racionalização religiosa, produção de subjetividades e epistemologias situadas. A análise privilegiou a identificação de tensões, ambiguidades e contradições internas ao pentecostalismo, evitando leituras binárias ou normativas.

Importante destacar que a pesquisa assume explicitamente seus limites metodológicos, reconhecendo que o pentecostalismo não constitui um campo homogêneo, mas plural, fragmentado e em constante transformação. Assim, os resultados apresentados não pretendem esgotar o fenômeno, mas oferecer chaves interpretativas críticas, capazes de contribuir para o debate acadêmico mais amplo.

Resultados e Discussão

Os resultados da pesquisa evidenciam que o pentecostalismo brasileiro, particularmente no interior das Assembleias de Deus, constitui um campo estruturalmente ambíguo, atravessado por dinâmicas simultâneas de reprodução da colonialidade interna e de produção de sentidos, pertencimentos e saberes socialmente situados. Essa ambiguidade não deve ser compreendida como contradição acidental, mas como característica constitutiva do fenômeno pentecostal no contexto latino-americano.

A análise documental e institucional das estruturas da CGADB e da CONAMAD revela a presença de mecanismos sofisticados de controle moral e disciplinamento dos corpos, expressos na normatização dos usos e costumes, na regulação da sexualidade, na hierarquização de papéis de gênero e na centralização das instâncias decisórias. Tais práticas operam como dispositivos contemporâneos da colonialidade do poder, conforme formulada por Aníbal Quijano, na medida em que produzem subjetividades ajustadas a modelos morais rígidos, naturalizando hierarquias e legitimando relações assimétricas de autoridade.

Sob essa perspectiva, o pentecostalismo não apenas herda estruturas coloniais externas, mas reinscreve formas de colonialidade no interior da própria comunidade religiosa, configurando aquilo que a pesquisa denomina colonialidade interna do sagrado.

Essa colonialidade manifesta-se tanto no plano simbólico quanto no organizacional, articulando teologia, moral, economia e política em um mesmo regime de poder.

Entretanto, os resultados empíricos e a análise comparativa latino-americana indicam que essa dimensão disciplinar não esgota o fenômeno. Paralelamente, o pentecostalismo atua como espaço de produção de pertencimento, reconhecimento e elaboração simbólica da experiência social, sobretudo entre grupos historicamente marginalizados por estruturas econômicas, raciais e territoriais excludentes. A linguagem religiosa, os rituais, a música, a oralidade e a performatividade do culto constituem formas específicas de produção de sentido que escapam, em parte, aos modelos eurocêntricos de racionalidade religiosa.

Nesse aspecto, a leitura articulada com Édouard Glissant permite compreender o pentecostalismo como fenômeno marcado por processos de crioulização religiosa, nos quais elementos globais, coloniais e locais se combinam de maneira híbrida, produzindo expressões singulares de fé e sociabilidade. O pentecostalismo emerge, assim, como campo de disputas simbólicas, no qual convivem submissão, resistência, adaptação e reinvenção cultural.

A análise da mídia religiosa e da economia da fé reforça essa ambiguidade estrutural. Se, por um lado, a mercantilização do sagrado e a racionalização administrativa aproximam o pentecostalismo de lógicas neoliberais globais, por outro, tais mecanismos são apropriados localmente, ressignificados e incorporados a projetos identitários e comunitários próprios. O resultado é um fenômeno religioso que não pode ser reduzido nem à lógica da dominação, nem a uma narrativa romântica de emancipação, exigindo uma leitura crítica, relacional e situada.

Do ponto de vista epistemológico, os resultados sustentam a tese de que o pentecostalismo deve ser analisado não apenas como objeto de estudo, mas como espaço de produção de saberes religiosos, morais e sociais, ainda que atravessados por tensões coloniais. Tal constatação desafia abordagens clássicas da Sociologia da Religião e reforça a necessidade de integrar epistemologias do Sul ao estudo do fenômeno religioso latino-americano.

Contribuições da Pesquisa

A presente pesquisa oferece contribuições substantivas e originais ao campo das Ciências Humanas e Sociais, particularmente nos domínios da Filosofia Social, da Sociologia da Religião e dos estudos pós-coloniais e descoloniais, ao propor uma leitura

crítica do pentecostalismo brasileiro que supera abordagens reducionistas, normativas ou estritamente funcionais.

No **plano teórico**, o estudo avança na compreensão do pentecostalismo como **fenômeno epistêmico e produtor de racionalidades próprias**, deslocando-o da condição de mero objeto empírico da análise sociológica para reconhecê-lo como espaço ativo de produção de discursos, normatividades morais e formas específicas de interpretação do mundo social. Ao evidenciar que o pentecostalismo produz saberes situados, ainda que atravessados por ambiguidades, tensões e contradições, a pesquisa contribui para repensar os limites das teorias clássicas da religião, frequentemente ancoradas em paradigmas eurocêntricos que desconsideram as dinâmicas epistêmicas do Sul Global.

No **plano interdisciplinar**, a investigação fortalece e qualifica o diálogo entre Filosofia Social, Sociologia da Religião e estudos pós-coloniais e descoloniais, demonstrando que a articulação entre essas áreas não constitui apenas um recurso metodológico, mas uma exigência epistemológica para a compreensão de fenômenos religiosos complexos. Ao integrar categorias como colonialidade do poder, governamentalidade religiosa, produção de subjetividades e economia da fé, o trabalho oferece um modelo analítico capaz de apreender o pentecostalismo em suas múltiplas dimensões, simbólica, institucional, política e econômica, contribuindo para a renovação dos instrumentos teóricos disponíveis no campo.

No **plano crítico**, a pesquisa aprofunda de maneira consistente o debate sobre a colonialidade interna no contexto brasileiro, ao demonstrar como instituições religiosas podem atuar simultaneamente como reprodutoras de hierarquias coloniais, mecanismos de disciplinamento moral e instâncias de regulação social, e, ao mesmo tempo, como espaços de pertencimento, reconhecimento e elaboração simbólica para populações historicamente marginalizadas. Essa leitura complexifica o debate público e acadêmico sobre religião e poder, ao recusar interpretações dicotômicas que opõem religião e emancipação, dominação e resistência, evidenciando o caráter ambíguo e contraditório do pentecostalismo contemporâneo.

No **plano epistemológico**, o estudo insere-se de forma explícita no horizonte das epistemologias do Sul Global, questionando hierarquias tradicionais de produção do conhecimento e problematizando a centralidade de matrizes interpretativas eurocêntricas no estudo da religião. Ao reconhecer a legitimidade de saberes produzidos em contextos periféricos, subalternizados e historicamente silenciados, a pesquisa contribui para a

ampliação do cânone acadêmico e para a construção de abordagens mais plurais, situadas e críticas, capazes de dialogar com a complexidade das experiências religiosas latino-americanas.

Considerações Finais

A pesquisa demonstra que compreender o pentecostalismo exige superar leituras simplificadoras, funcionalistas ou normativas, reconhecendo-o como campo atravessado por ambiguidades estruturais, disputas simbólicas e tensões coloniais.

Ao adotar uma perspectiva descolonial e interdisciplinar, o estudo reafirma a necessidade de repensar os paradigmas clássicos do estudo da religião na América Latina, deslocando o olhar para contextos historicamente marginalizados e para formas de produção de conhecimento que emergem no interior do próprio campo religioso. Assim, o trabalho não apenas analisa o pentecostalismo, mas contribui para a renovação crítica das abordagens acadêmicas sobre religião, poder e saber no Sul Global.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

- ALMEIDA, Ronaldo de. *A igreja universal e seus demônios*. São Paulo: Terceiro Nome, 2009.
- BERGER, Peter. *O dossel sagrado*. São Paulo: Paulus, 1985.
- BIRMAN, Patrícia. *O que é umbanda*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 2005.
- BUTLER, Judith. *Quadros de guerra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas*. São Paulo: EDUSP, 2003.
- CASTRO-GÓMEZ, Santiago. *La hybris del punto cero*. Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana, 2005.
- DUSSEL, Enrique. *1492: O encobrimento do Outro*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- DUSSEL, Enrique. *Ética da libertação*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.
- FOUCAULT, Michel. *Nascimento da biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FOUCAULT, Michel. *Segurança, território, população*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- GLISSANT, Édouard. *Poética da relação*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

- MAERK, Johannes. Pós-colonialismo, arte popular e democracia na América Latina. México: Plaza y Valdés, 2001.
- MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais*. São Paulo: Loyola, 1999.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.
- MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. São Paulo: N-1, 2018.
- MIGNOLO, Walter. A ideia de América Latina. São Paulo: Editora UNESP, 2007.
- MIGNOLO, Walter; WALSH, Catherine. *On Decoloniality*. Durham: Duke University Press, 2018.
- ORO, Ari Pedro. *Religião e política no Brasil*. São Paulo: Loyola, 2013.
- PIERUCCI, Antônio Flávio. *Religião como solvente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. CLACSO, 2005.
- QUIJANO, Aníbal. *Cuestiones y horizontes*. Buenos Aires: CLACSO, 2014.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *A cruel pedagogia do vírus*. Coimbra: Almedina, 2020.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.
- WEBER, Max. A ética protestante e o espírito do capitalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.